

Os estudos sobre Jornalismo Investigativo no campo da Comunicação¹

Seane Alves MELO²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Neste artigo, procuramos demonstrar como o jornalismo investigativo vem sendo representado no meio acadêmico. A partir da análise de 20 trabalhos científicos apresentados em congressos de Comunicação e Jornalismo, entre 2000 e 2012, traçamos os eixos de pesquisa mais explorados sobre o tema e defendemos que o jornalismo investigativo está em processo de construção enquanto disciplina discursiva (Foucault), isto é, enquanto espaço que delimita os problemas e questões legítimos para estudo e discussão.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo investigativo; campo acadêmico; disciplina; discurso.

INTRODUÇÃO

O seguinte artigo é baseado no projeto de pesquisa de mestrado “Instituições, discursos e práticas: um estudo do Jornalismo Investigativo no Brasil”, que busca esquadriñar e analisar como o jornalismo investigativo se autorrepresenta em nosso país, incluindo a análise de tratados de jornalismo investigativo, de publicações da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), assim como dos perfis (capitais e recursos sociais) de repórteres investigativos.

Entendemos o conceito de representação (social) da mesma forma que ele é postulado por Moscovici (2010), isto é, como uma forma de experienciar e perceber o mundo em que estamos familiarizados. Moscovici entende as representações sociais como **entidades sociais** que comunicam-se entre si e que produzem definições comuns a todos os membros de uma comunidade. A partir dessa perspectiva, podemos considerar a definição de “Jornalismo Investigativo” como uma representação social que ainda precisa ser compreendida. Segundo o mesmo autor:

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Ciências da Comunicação da ECA-USP, email: seanemelo@usp.br.

[...] para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas das quais ela nasceu. [...] Quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais *fossilizada* ela se torna. O que é ideal, gradualmente torna-se materializado. (MOSCOVICI, 2010, p. 41).

Dessa forma, pretendemos percorrer este caminho de busca às origens da representação do jornalismo investigativo no Brasil, para evitar a cilada das repostas mais naturalizadas. Nosso primeiro passo consiste na reunião dos tratados sobre o assunto na área acadêmica.

Neste trabalho, pretendemos analisar os artigos científicos apresentados sobre jornalismo investigativo nos principais congressos de Comunicação Social e Jornalismo do país. A partir de pesquisas em anais eletrônicos do Intercom Nacional, Compós e SBPJor, coletamos um total de 20 artigos para análise, que continham a expressão “jornalismo investigativo” ou “reportagem investigativa” no título ou palavras-chave, de acordo com a seguinte divisão:

Tabela 1: Artigos por evento

	INTERCOM	COMPÓS	SBPJOR
ARTIGOS	12	1	7

1. Jornalismo Investigativo por eixos de pesquisa

É interessante notar que, apesar de a bibliografia específica do jornalismo investigativo no Brasil (principalmente Sequeira, 2005) defender que o período áureo do gênero corresponda ao período de distensão política nos anos de 1970, só encontramos o primeiro trabalho apresentado em congressos de Comunicação sobre o tema (e que correspondeu à nossa busca) a partir de 2004³. **Os observatórios e o “jornalismo da boa notícia”**, de Luiz Martins da Silva, foi apresentado no ano citado na SBPJor e, apesar de não tratar exclusivamente de jornalismo investigativo, esta foi a primeira vez que a expressão apareceu nas palavras-chave de um artigo científico apresentado nos eventos analisados.

³ Os bancos de dados dos congressos analisados, em geral, disponibilizam os trabalhos apresentados em anais de eventos a partir do ano 2000.

Para facilitar o trabalho com os artigos coletados neste artigo, decidimos dividi-los por eixos de pesquisa⁴. Estes eixos podem estar relacionados aos temas ou, em alguns casos, com as metodologias de pesquisa. De forma a facilitar o agrupamento dos artigos para instrumentalizar a nossa análise, escolhemos quatro eixos gerais. São eles: 1) Semiótica e Estruturalismo aplicados ao Jornalismo Investigativo (com 3 artigos); 2) Métodos, técnicas, características e desafios do JI (5 artigos); Ética (5 artigos); História e Memória do Jornalismo e dos Jornalistas Investigativos (6 artigos). De acordo com a seguinte tabela:

Tabela 2: Artigos por eixos temáticos ou metodológicos

Semiótica e Estruturalismo	Métodos, técnicas, características e desafios	Ética	História
Não é elementar, caro Pierce (2011)	Jornalismo Investigativo: Desafios, Impasses e Oportunidades na Era Digital (2011)	Relações assimétricas no leilão fraudado do sistema telebrás (2009)	Binômio: humor e política em um jornal “quase independente” (2009)
O enigma como categoria estruturante do jornalismo investigativo (2010)	Resistência da reportagem investigativa e/ou literária (2009)	O repórter e o jornalista cordial (2008)	Jornalismo investigativo: tipo de especialização ou síntese da mítica da profissão? (2008)
A investigação jornalística como processo comunicativo (2006)	Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo (2006)	O repórter infiltrado: algumas questões éticas e epistemológicas para a prática do jornalismo (2008)	A identificação do jornalismo investigativo na televisão brasileira (2008)
	Jornalismo investigativo, novos desafios (2006)	Quando o jornalista é a notícia: considerações éticas sobre o caso Tim Lopes (2006)	O jornalismo na distensão política do regime militar e a autoconstrução do repórter como investigador policial (2007)
	Considerações sobre a redundância na expressão jornalismo investigativo (2006)	Os observatórios e o “jornalismo da boa notícia” (2004)	Jornalismo Investigativo: dos muckrakers aos anos pós-Watergate (2005)
			O papel da reportagem investigativa na constituição da “comunidade interpretativa” (2005)

⁴ Nesta divisão, o artigo “Busca e transcrição no processo de reportagem”, de Maria Cecília Guirado (2005), foi excluído da amostragem por não se relacionar ao tema, ainda que em suas palavras-chave tenha correspondido a algumas de nossas buscas.

No eixo **Semiótica e Estruturalismo aplicados ao JI**, encontramos dois artigos de Eduardo Correia apresentados no Intercom, nos anos de 2011 e 2010. “Não é elementar, caro Pierce: fragmentos de uma cobertura sobre o Caso Celso Daniel na Folha de S. Paulo” demonstra como o método do jornalismo investigativo está relacionado ao método inferencial da abdução de Peirce. Nele, o autor faz uma análise das “oito mortes” do caso Celso Daniel, enquanto metanarrativa produzida na Folha, que não levou em consideração os passos seguintes da construção do conhecimento: comprovação ou experimentação.

“O enigma como categoria estruturante do jornalismo investigativo” é outro artigo de Eduardo Correia. Neste trabalho, o autor aproxima o jornalista do detetive e a narrativa jornalística do romance policial. Seu principal objetivo é demonstrar como a estrutura narrativa do romance policial enigma faz parte do senso comum e influencia a construção narrativa do jornalismo.

O terceiro componente do eixo é o trabalho de Sandra Moura, apresentado em 2006 da SBPJor e intitulado “A investigação jornalística como processo comunicativo”. Neste artigo, a autora dá seguimento aos seus trabalhos com jornalismo investigativo e semiótica, analisando o processo comunicativo que se estabelece entre o repórter, suas fontes e colaboradores, a partir do estudo de anotações utilizadas por Caco Barcellos e sua equipe.

O eixo em questão foi o que apresentou o menor número de trabalhos apresentados em comparação aos outros. No entanto, foi o eixo em que encontramos uma maior aproximação e diálogo entre os autores, pois prevalecem as contribuições da semiótica de Charles S. Peirce.

O segundo eixo foi concebido mais como um eixo temático. Apesar de muito diversificados em seus enfoques, os artigos do eixo **Métodos, técnicas, características e desafios do JI** se detêm sobre os temas que dizem respeito, principalmente, ao processo de produção de notícias.

“Jornalismo investigativo, novos desafios”, apresentado em 2006, na SBPJor, por Sequeira, e “Jornalismo Investigativo: Desafios, Impasses e Oportunidades na Era Digital”, de Samuel Lima, apresentado em 2011 no Intercom, tratam de novas soluções para o Jornalismo Investigativo. Em seu trabalho, Sequeira demonstra como a lógica de produção do gênero investigativo não consegue se conformar à rapidez e escassez de espaço que passa a caracterizar o jornalismo cotidiano a partir das reformas implantadas nos anos 1980. O trabalho de Samuel Lima vai além. O autor já toma como ponto de partida as dificuldades que a prática jornalística investigativa encontra nas redações dos grandes veículos de

comunicação e discute brevemente às soluções encontradas nos Estados Unidos (cooperativas de jornalistas, jornalismo sem fins lucrativos).

“Resistência da reportagem investigativa e/ou literária: análise do aprofundamento das técnicas jornalísticas nas revistas Brasileiros e Rolling Stone”, apresentada em 2009 no Intercom, faz a análise de conteúdo de quatro matérias investigativas/literárias para observar se há profundidade e contextualização do assunto, quais tipos e quantas fontes são utilizadas, qual discurso é empregado (narrativo, dissertativo, descritivo) e quais temas são privilegiados nas reportagens investigativas. Em “Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo: um estudo preliminar”, de 2006, Leonel Aguiar apresenta um projeto de pesquisa que pretende avaliar, a partir da perspectiva do *Newsmaking*, se os mesmos critérios de noticiabilidade e valores-notícias utilizados no jornalismo cotidiano permanecem na prática do jornalismo investigativo.

Por fim, “Considerações sobre a redundância na expressão jornalismo investigativo”, de Maria Alice Baroni (2006), apresenta diversificadas definições de jornalismo investigativo, provenientes de teóricos da Comunicação e jornalistas. O objetivo da autora é ir além do senso comum na discussão sobre a pertinência da expressão. Como conclusão, ela aponta que o JI vem se destacando do Jornalismo em geral por suas práticas especializadas.

No eixo **Ética**, encontramos novamente 5 artigos. “O repórter infiltrado: algumas questões éticas e epistemológicas para a prática do jornalismo” (2008) e “Quando o jornalista é a notícia: considerações éticas sobre o caso Tim Lopes” (2006) colocam em questão a segurança do jornalista na cobertura de notícias e os limites da sua atuação. O primeiro artigo, de autoria de Sylvia Moretzsohn, foca nos perigos de fazer uso do método do repórter infiltrado e questiona que tipo de informação esse tipo de método gera para o público. Já Felipe Blanco analisa a cobertura do Jornal Nacional sobre o caso Tim Lopes e defende que a ênfase dada no “atentado à liberdade de imprensa” desviou o foco das responsabilidades da empresa jornalística com a segurança de seus funcionários.

“Relações assimétricas no leilão fraudado do sistema Telebrás. A cobertura jornalística e a corrupção do estado na privatização com vício de origem”, de 2009, “O repórter e o jornalista cordial: sobre posturas e (im)posturas no jornalismo”, de 2008, e “Os observatórios e o ‘jornalismo da boa notícia’”, de 2004, tratam da apuração jornalística sob diferentes enfoques, sem, no entanto, se aprofundar no tema jornalismo investigativo. De

um modo geral, eles analisam alguns fatos e apontam falhas na sua cobertura, a partir do estudo das reportagens produzidas.

No eixo **História e Memória do Jornalismo e dos Jornalistas Investigativos**, encontramos o maior número de artigos. “A identificação do jornalismo investigativo na televisão brasileira”, apresentado em 2008, por Valquíria Kneipp, no Intercom, tenta resgatar os primeiros momentos de implantação da reportagem investigativa na televisão brasileira, a partir do recrutamento de profissionais como Caco Barcellos, Nelson Hoinoff, entre outros.

“Binômio: humor e política em um jornal “quase independente””, de Alexandre Nonato (2009), como o próprio título deixa claro, trata da história de Binômio, jornal alternativo mineiro que precedeu o jornalismo alternativo característico da ditadura militar e que continha características marcantes do gênero: humor, irreverência, ironia, combate a política dominante vigente. Em “Jornalismo Investigativo: dos muckrakers aos anos pós-Watergate”, Luís de Araújo (2005) traça um breve histórico do desenvolvimento do jornalismo investigativo nos Estados Unidos e discute como o gênero é adotado e visto no Brasil. Mais uma vez, discute-se a definição de jornalismo investigativo e a “redundância” ou não que a expressão carrega.

Completando os seis artigos do eixo, os três artigos de Marcio Castilho – “O papel da reportagem investigativa na constituição da “comunidade interpretativa”: um estudo sobre o caso Tim Lopes” (Intercom, 2005), “O jornalismo na distensão política do regime militar e a autoconstrução do repórter como investigador policial” (Compós, 2007), e “Jornalismo investigativo: tipo de especialização ou síntese da mítica da profissão?” (Intercom, 2008) –, ainda que possuam temas diferentes, fazem parte de uma pesquisa maior empreendida pelo autor, que culminou na tese de doutorado *Patrimônio dos próprios jornalistas: o Prêmio Esso, a identidade profissional e as relações entre imprensa e Estado (1964-1978)*⁵ defendida em 2010, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trataremos mais detidamente sobre esses três trabalhos adiante.

1.1. A autoconstrução da imagem do repórter investigativo

⁵ CASTILHO, Marcio de Souza; Ribeiro, Ana Paula Goulart, orient. **Patrimônio dos próprios jornalistas: o Prêmio Esso, a identidade profissional e as relações entre imprensa e Estado (1964-1978)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

Dentre os artigos selecionados, os três trabalhos de autoria de Marcio Castilho se destacam. Além de ser o autor que mais produziu sobre o tema dentro da nossa amostragem, Castilho desenvolve, a partir de diferentes focos, sua tese de que a investidura do jornalista de habilidades de “investigador policial” faz parte de uma estratégia de valorização e autoconstrução da identidade do repórter durante o período de distensão política do regime militar brasileiro, a partir de 1975.

O autor se baseia em estudos históricos do Jornalismo brasileiro, principalmente, naqueles referentes às modernizações realizadas na área durante as décadas de 1950 e 1960. Tomando como ponto de partida a construção do ideal de “objetividade”, conforme trabalhado nos estudos culturais americanos por Campbell, Schudson e Carey (apud Castilho), o autor demonstra como a busca por uma identidade “investigativa” nos anos de redemocratização cria uma “comunidade interpretativa” e um novo conceito de “verdadeiro jornalismo”, amplamente identificado com o jornalismo investigativo.

Analisando as reportagens consagradas pelo Prêmio Esso nos anos de 1976, 1977, 1979 e 1981, assim como a cobertura midiática do caso Tim Lopes, assassinado em 2002 durante a execução de uma reportagem investigativa, Castilho localiza o fortalecimento do discurso do jornalismo investigativo dentro de contextos de lutas políticas (no caso do período de abertura política do Brasil) e ideológicas (consagração do jornalismo enquanto entidade necessária à democracia). Como ele reforça:

[...] não podemos deixar de visualizar que o jornalismo também adota estratégias para reforçar o seu papel social, a exemplo dos demais campos da vida social. A defesa em torno da reportagem investigativa teve (e tem ainda) papel fundamental na constituição da identidade profissional do jornalista, num claro processo de idealização da profissão. (CASTILHO, 2007, p. 14).

Longe de desmerecer os serviços prestados pelo jornalismo investigativo no processo de redemocratização do país, os trabalhos de Castilho lançam uma nova perspectiva sobre esses estudos, como pudemos observar pela amostragem analisada neste artigo. Em seus artigos, o autor consegue dar uma dimensão mais detalhada do momento em que o jornalismo investigativo se fortaleceu no Brasil, a partir dos anos 1970.

2. Jornalismo Investigativo como disciplina

Apesar de termos separado os artigos coletados por eixos de pesquisa, percebemos que eles estabelecem um forte diálogo entre si com respeito aos temas que estão em

discussão na prática e nos estudos de jornalismo investigativo: a definição, a discussão da redundância, a identidade do repórter investigativo, os limites éticos, etc.

Observamos que a maior parte dos artigos em estudo foi apresentada no Grupo ou Núcleo Temático Jornalismo (ou Estudos em Jornalismo, na Compós). Somente a partir de 2009, o Intercom cria novas subdivisões e percebemos a presença de trabalhos sobre jornalismo investigativo nos GPs Gêneros Jornalísticos e Teoria do Jornalismo.

Ainda que o jornalismo investigativo não pareça estar consolidado como uma área de estudos dentro do campo da Comunicação Social, os diálogos entre os 20 artigos analisados nos permitem identificar a formação de uma “disciplina”, de acordo com o conceito de Foucault (1996). Segundo o autor:

[...] uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isto constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a quem sucedeu ser seu inventor (FOUCAULT, 1996, p. 30).

É assim que Foucault defende que uma proposição só pode ser incorporada ou tida como “verdadeira” se se dirigir a um plano de objetos determinados pela disciplina. No caso do jornalismo investigativo, os principais “objetos determinados” para a discussão na área acadêmica são a própria definição do gênero e a especificação de seus métodos e práticas profissionais.

O conceito de disciplina, apresentado por Foucault como um dos três procedimentos de controle e delimitação internos ao discurso, pode ser confirmado em uma análise das referências bibliográficas dos 20 artigos selecionados. Após o cruzamento das referências bibliográficas de nosso corpus, pudemos observar algumas repetições.

Devido à variedade dos objetos relacionados ao JI e das metodologias de análise, esperávamos observar, em comum, a maior ocorrência de citações de obras específicas de jornalismo investigativo, como os livros de Fortes (2005), Lopes e Proença (2003) e Sequeira (2005). No entanto, da área, só o último foi citado em cinco artigos, que correspondeu ao número máximo de citações coincidentes nessa análise.

Outros dois livros também foram citados cinco vezes. A obra de Nilson Lage, *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, e a de Traquina, *Teorias do jornalismo I: porque as notícias são como são*. A citação recorrente a Nilson Lage deve-se, por um lado, ao fato de o autor ter sido uma das primeiras referências acadêmicas para o jornalismo

investigativo no país, conforme explica Sequeira (2005), e, por outro, ao fato de a grande reportagem ser símbolo por excelência do JI.

A recorrência da citação à obra de Traquina pode ser interpretada como a tentativa de localizar os estudos de jornalismo investigativo na área maior e já mais consolidada de estudos do Jornalismo. O autor é citado, principalmente, como fonte de referência aos critérios de noticiabilidade e à teoria de construção social da realidade a partir das notícias.

Quatro obras estrangeiras (três delas sobre o jornalismo norte-americano) também aparecem como referências constantes, com destaque para o livro de Kovach e Rosenstiel, *Os elementos do Jornalismo*. O livro *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*, citado quatro vezes, também confirma a influência norte-americana na prática profissional, na definição e nos estudos de jornalismo investigativo.

O *ranking* de citações mais recorrentes (aquelas utilizadas em mais de dois artigos) pode ser observado abaixo:

Tabela 3: Principais referências bibliográficas nos estudos de JI

TÍTULO DE REFERÊNCIA	Nº DE CITAÇÕES
60 Minutes and the News	3
A construção social da realidade	3
A Imprensa em Transição	3
A Modernização da imprensa	3
A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística	5
Investigative reporting and editing	3
Jornalismo investigativo (LOPES E PROENÇA, 2003)	3
Jornalismo investigativo (FORTES, 2005)	3
Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia	5
Jornalismo: questões, teorias e “estórias”	4
O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro	4
Os elementos do jornalismo	4
Periodismo de investigación	3
Teorias do jornalismo I: porque as notícias são como são	5

Considerações finais

A análise dos 20 artigos publicados, entre 2000 e 2012, nos anais eletrônicos dos congressos nacionais Intercom, Compós e SBPJor, que continham “jornalismo investigativo” ou “reportagem investigativa” em seus títulos ou palavras-chave, nos

permitiu iniciar algumas reflexões sobre a representação do jornalismo investigativo em nosso país e sobre sua constituição como disciplina, no sentido atribuído a Foucault.

Excetuando-se quatro artigos⁶ – que, apesar de corresponderem à nossa busca, não tinham o jornalismo investigativo com tema central – o restante da amostragem se relacionava direta ou indiretamente com questões que ainda podem ser encontradas na própria práxis do jornalismo investigativo, de acordo com o que já havia sido apontado na proposta teórica de Sequeira (2005). Algumas dessas questões são: a redundância do termo “jornalismo investigativo”, a definição enquanto gênero ou especialidade, a definição e tentativa de especificação dos métodos de produção jornalística, os riscos e limites do gênero, entre outros.

O aparecimento recorrente dessas questões nos artigos assim como nos livros publicados no Brasil – que também coincidem com o mesmo período de análise (aproximadamente de 2003 a 2011) –, somados à pequena quantidade de trabalhos encontrados sobre o tema, é forte indicativo de uma área em gestação, cujos primeiros problemas permanecem abertos e em discussão.

A grande quantidade de artigos classificados nos eixos **História e Métodos, técnicas, características e desafios** reforça a ideia do campo em construção e pode indicar dois movimentos para a área: 1) Um terreno aberto e fértil de disputas por uma definição legítima do jornalismo investigativo; 2) Uma tentativa de consagração ou transposição de uma prática profissional para o campo acadêmico.

As duas possibilidades não se excluem, e, juntamente com todos os aspectos pontuados aqui, servem apenas como caminhos de pesquisa a ser percorridos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo: um estudo preliminar. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0479-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

ARAÚJO, Luís Carlos. Jornalismo Investigativo: dos muckrakers aos anos pós-Watergate. In: III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2005, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/iiisbpjor2005_-_ci_-_luis_c._eblak_de_araujo.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2013.

BARONI, Maria Alice. Considerações sobre a redundância na expressão jornalismo investigativo. In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2006, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**.

⁶ Barreto e Beaklini (2009); Santana (2008); Guirado (2005) e Silva (2004).

Disponível em:

<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind_maria_alice_baroni.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2013.

BARRETO, R.; BEAKLINI, B. Relações assimétricas no leilão fraudado do sistema Telebrás: a cobertura jornalística e a corrupção do estado na privatização com vício de origem. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2697-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

BLANCO, Felipe. Quando o jornalista é a notícia: considerações éticas sobre o caso Tim Lopes. In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2006, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em:

<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind_felipe_blanco.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2013.

CASTILHO, Marcio de Souza; Ribeiro, Ana Paula Goulart, orient. **Patrimônio dos próprios jornalistas**: o Prêmio Esso, a identidade profissional e as relações entre imprensa e Estado (1964-1978). Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

_____. Jornalismo investigativo: tipo de especialização ou síntese da mítica da profissão? In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0467-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

_____. O jornalismo na distensão política do regime militar e a autoconstrução do repórter como investigador policial: uma análise das matérias vencedoras do Prêmio Esso. In: XVI COMPOS, 2007, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_246.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2013.

_____. O papel da reportagem investigativa na constituição da "comunidade interpretativa": um estudo sobre o caso Tim Lopes. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1409-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

CORREIA, L. O enigma como categoria estruturante do jornalismo investigativo. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2450-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

CORREIA, E.; GUAZINA, L. Não é elementar, caro Pierce: fragmentos de uma cobertura sobre o caso Celso Daniel na Folha de S. Paulo. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2441-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Leituras Filosóficas. 11a Ed. Loyola - SP, 1996.

GUIRADO, Maria Cecília. Busca e transcrição no processo de reportagem. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1409-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

GOMES, I.; GUIMARÃES, B. Resistência da reportagem investigativa e/ou literária: análise do aprofundamento das técnicas jornalísticas nas revistas Brasileiros e Rolling Stone. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0454-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

KNEIPP, V. A identificação do jornalismo investigativo na televisão brasileira. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0865-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

LIMA, Samuel. Jornalismo investigativo: desafios, impasses e oportunidades na era digital. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2127-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

MORETZSOHN, S. O repórter infiltrado: algumas questões éticas e epistemológicas para a prática do jornalismo. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1598-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MOURA, Sandra. A investigação jornalística como processo comunicativo. In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2006, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind_sandra_moura.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2013.

NONATO, A. Binômio: humor e política em um jornal “quase independente”. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/alexandre_nonato.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2013.

SANTANA, Adriana. O repórter e o jornalista cordial: sobre posturas e (im)posturas no jornalismo. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1714-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

SEQUEIRA, Cleofe. Jornalismo investigativo, novos desafios. In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2006, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind_cleofe_monteiro_de_sequeira.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2013.

_____. **Jornalismo investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

SILVA, Luiz Martins da. Os observatórios e o “jornalismo da boa notícia”. In: II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2004, Salvador. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ii_sbpjour_2004_cc_05_-_luiz_martins_da_silva.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2013.